

ASPECTOS PETROGRÁFICOS PRELIMINARES DA FALÉSIA DE COSTA DOURADA, MUCURI, LITORAL SUL DA BAHIA

Ricardo de Souza Fasolo¹; Leonardo Costa de Oliveira¹; Egberto Pereira²; Adrienne Brito Lima¹, Luiz Carlos Chaves Novais³

¹ UFES¹, UERJ², PETROBRAS³

RESUMO: Neste trabalho os autores apresentam o primeiro relato petrográfico das rochas expostas na falésia de Costa Dourada. Tal praia situa-se no município de Mucuri, no extremo sul do Estado da Bahia. De acordo com a literatura geológica as principais províncias geomorfológicas desta região (mais o norte do estado do Espírito Santo) pertencem à Formação Barreiras. Todavia, foram reconhecidos eventos vulcânicos recentes, com características de derrames no sul da Bahia, as quais no passado foram associadas aos sedimentos da Formação Barreiras. Relatos vulcânicos nesta região não são incomuns, devido à proximidade desta com a Província de Abrolhos. O Complexo de Abrolhos engloba 2/3 da Bacia do Espírito Santo-Bahia Sul (terra e mar), e pode não estar restrito ao Sul da Bahia como está na literatura. Na região das divisas entre os Estados de Espírito Santo e Bahia, já foram descritos eventos vulcânicos. Há uma carência de estudos petrográficos a respeito da Formação Barreiras, particularmente no eixo compreendido entre o norte do Espírito Santo e o litoral Sul da Bahia. A grande variabilidade nos modelos geológicos atribuídos a esta unidade litoestratigráfica pode ser mais bem entendida se considerarmos seus aspectos petrológicos. Neste contexto, foram coletadas amostras para caracterização petrográfica da Falésia da praia de Costa Dourada (BA). De posse das lâminas delgadas, estas foram analisadas, neste primeiro momento, de maneira qualitativa onde se buscou reconhecer as modificações diagenéticas e a relação cronológica entre elas, baseando-se nas relações texturais e faciológicas observadas. Em cada lâmina foram analisados os minerais detríticos presentes, a porosidade, além dos processos diagenéticos. De maneira geral, as rochas são compostas principalmente por quartzo monocristalino fragmentado, os quais variam de muito angulosos a subarredondados e com extinção reta predominante; K-feldspato, muscovita e grande presença de zircão e piroxênios, como minerais acessórios. Apesar de diversos grãos de quartzo estarem fraturados, alguns fragmentos podem ser re-encaixados, sendo que alguns ainda se encontram em continuidade ótica. Tais feições sugerem a atuação de processo físico intenso. Foram observados também diversos constituintes provavelmente associados a fragmentos de rochas vulcânicas. Muitos grãos apresentam-se amorfos e foram associados à vidros vulcânicos. As principais feições diagenéticas observadas foram esmectita substituindo clorita, e caolinita associada à dissolução telodiagenética. Ocorre extensa oxidação dos grãos do arcabouço em quase todas as lâminas. Não há indícios de efetivo soterramento, o que sugere que tais rochas não experimentaram grande sobrecarga sedimentar e apresentam uma história diagenética caracteristicamente rasa. Tais feições foram evidenciadas em razão da quase ausência de contato entre os grãos (os quais se encontram imersos na matriz argilosa), elevado volume intergranular e incipiente compactação mecânica. Essas observações, alinhada à disposição caótica da textura petrográfica geral, sugerem que houve algum processo de fragmentação intensa e/ou transporte a curta distância. Portanto, existem diversas semelhanças entre as rochas aqui analisadas e possíveis depósitos de ignibritos, se forem considerados as características texturais e composicionais. No entanto, é importante notar que tais amostras foram coletadas diretamente de uma falésia, a qual se encontra muito alterada. Tal fato dificulta uma caracterização mais fidedigna de prováveis ignibritos.

PALAVRAS CHAVE: FORMAÇÃO BARREIRAS, IGNIBRITOS, BACIA DE ESPÍRITO SANTO-MUCURI